

A Criança Pequena  
no Mundo de Hoje

Como a mídia, os abusos e a escola distorcem e desviam a criança de seu  
desenvolvimento saudável e pleno

Compilado de artigos publicados  
no Boletim da Associação Waldorf  
da Primeira Infância da América do Norte

Tradução de Júlia Bárány e Wanda Ribeiro

1ª Edição  
Barany Editora  
São Paulo  
2023

A editora original – Waldorf Early Childhood Association of North America – deseja agradecer aos editores anteriores e atuais do Gateways - Joan Almon, Nicola Tarshis e Stephen Spitalny.

Este livro é uma coletânea de ensaios e artigos que originalmente foram apresentados no Gateways (Portais) e outras publicações. Todos foram impressos com a autorização dos autores, exceto onde indicado:

*O instrumento em si: Desenvolvimento Infantil e Televisão* por Joseph Chilton Pearce aparece com a permissão da AWSNA publicações.

Tradutores: Julia Barany e Wanda Ribeiro

Capa: Lumiar Design

Editora: Júlia Bárány

Autorização para esta publicação em língua portuguesa concedida por Dra. Michaela Glöckler para a Barany Editora.

Todos os direitos reservados. Nenhuma parte deste livro pode ser reproduzida em qualquer forma sem a permissão por escrito do editor, exceto para citações breves em revisões e artigos.

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**

C928      A Criança pequena [recurso eletrônico] : como a mídia, os abusos e a escola distorcem e desviam a criança de seu desenvolvimento saudável e pleno como a mídia, os abusos e a escola distorcem e desviam a criança de seu desenvolvimento saudável e pleno / vários autores ; organizado por Gateways ; traduzido por Julia Barany, Wanda Ribeiro. - São Paulo : Barany Editora, 2023.

208 p. ; ePUB ; 770 MB.

Tradução de: The Young Child in the World Today

Inclui bibliografia.

ISBN: 978-65-89790-09-9 (Ebook)

1. Educação. 2. Mídia. 3. Abuso. 4. Escola. 5. Desenvolvimento saudável. 6. Desenvolvimento pleno. 7. Infância. 8. Criança pequena. I. Gateways. II. Barany, Julia. III. Ribeiro, Wanda. IV. Título.

CDD 370

2023-1564

CDU 37

**Elaborado por Vagner Rodolfo da Silva - CRB-8/9410**

**Índice para catálogo sistemático:**

1. Educação 370
2. Educação 37

(logo da Barany Editora e slogan)

[www.baranyeditora.com.br](http://www.baranyeditora.com.br)

email: contato@baranyeditora.com.br

## **Conteúdo**

### **Prefácio**

**Crianças pequenas hoje - compreendê-las e ajudá-las**

*Joan Almon*

**A criança pequena no mundo de hoje**

*Dra. Renate Lang-Breipohl*

**O cuidar das forças vitais da criança pequena**

*Dra. Renate Lang-Breipohl*

**Colherás o que semeares**

*Sally Jenkinson*

**Novos problemas de saúde de crianças e jovens**

*Press Release* do Centro de Pesquisa sobre Infância e Adolescência, Universidade de Bielefeld, Alemanha, traduzido (do alemão) para a Associação Internacional de Jardins de Infância Waldorf, por A. Buschatz.

**Abuso sexual de crianças: compreensão, prevenção e tratamento**

*Dra. Michaela Glöckler*

**TDAH**

**Um desafio do nosso tempo**

*Eugene Schwartz*

**Sobre crianças irrequietas**

*Bertram von Zabern, M.D.*

**Violência e mídia eletrônica: seus impactos nas crianças**

*Joan Almon*

**TV e TDA**

*Foster W. Kline, M.D.*

**Realidade virtual, mídia, e a evolução mental da criança**

*Nancy e Colin Poer*

**O próprio aparelho:**

**Desenvolvimento infantil e televisão**

*Joseph Chilton Pearce*

## Prefácio

Em 1993, a Associação Waldorf de Jardins de Infância da América do Norte (Waldorf Kindergarten Association of North America) lançou dois volumes de artigos publicados em seu Boletim por um período de dez anos, desde o seu início em 1983. *Uma visão geral do Jardim de Infância Waldorf* (Volume Um) e *Uma compreensão mais profunda do Jardim de Infância Waldorf* (Volume Dois) passaram a ser conhecidos carinhosamente como os livros "rosa" e azul", fornecendo um recurso valioso para uma geração de praticantes e aspirantes a educadores Waldorf da primeira infância. Esses dois volumes ofereceram material de estudos sobre os fundamentos do trabalho da primeira infância Waldorf e vários exemplos ricos compartilhados da vida prática dos Jardins de Infância na América do Norte.

Agora, passou-se um segundo período de dez anos e o nosso trabalho de publicação está chegando ao seu vigésimo primeiro ano. Muito tem sido desenvolvido em nosso Movimento Waldorf para a Primeira Infância. Em 1997, a Associação Waldorf de Jardim de infância transcendeu seu nome e tornou-se a Associação Waldorf para a Primeira Infância da América do Norte (*Waldorf Early Childhood Association of North America* - WECAN), num reconhecimento da abrangência cada vez ampla de nossa atividade. Esse trabalho agora se estende muito além do Berçário e Jardim de Infância, incluindo programas para pais e filhos desde o recém-nascido até os três anos, aulas de conscientização pais/filhos, assistência à infância no lar e nas instituições, educação pré-natal, assistência especializada e trabalho com crianças em comunidades carentes e situações de alto risco, envolvendo os sem-teto e vítimas de abuso.

O Boletim do Jardim de Infância tornou-se *Gateways* (Portais). Suas matérias incluíram artigos sobre a criança em desenvolvimento, trabalho com crianças, trabalho em comunidade e o desenvolvimento interior do educador de primeira infância. Ao revermos a colheita destes últimos dez anos de contribuições ao *Gateways*, parece-nos que é hora de reuni-los e compartilhá-los mais uma vez. E assim temos o prazer de publicar a *Gateways Series*. A série incluirá artigos de publicações anteriores, bem como contribuições adicionais que surgiram por meio de conferências e publicações de pesquisas ao longo destes últimos dez anos.

Nós agrupamos o conteúdo em temas.

O Volume Um, *A criança pequena no mundo de hoje*, inclui artigos sobre a situação da criança pequena na sociedade contemporânea que, apesar de seus aparentes avanços no domínio da tecnologia, está muito menos avançada na compreensão das necessidades da criança em desenvolvimento. Distúrbios relacionados à atenção, problemas de saúde como asma e alergias, aumento da violência e da agressão são evidências das atuais ameaças ao desenvolvimento saudável da criança. O Volume Um oferece perspectivas sobre esses desafios a partir de um ponto de vista da criança em desenvolvimento como um ser de corpo, alma e espírito.

O Volume Dois, *Trabalhando com os anjos: a criança pequena e o mundo espiritual*, inclui artigos sobre os portais de nascimento e morte, o destino da criança em nossos tempos, e o trabalho com as hierarquias. O Volume Três irá focar-se no *A criança em desenvolvimento: etapas de desenvolvimento da primeira infância*.

Os volumes subsequentes incluirão recursos de nosso trabalho com crianças pequenas, como ritmos e atividades de vida, contos de fadas e contação de histórias, épocas e festas para a criança pequena.

Gostaríamos de agradecer muitos de nossos colegas na América do Norte e ao redor do Mundo que compartilharam seu trabalho, primeiro no Boletim do Jardim de Infância) e agora na *Gateway Series*. Gostaríamos de expressar também nossa gratidão aos colegas da *AWSNA Publication*, ao Instituto de Pesquisa para Educação Waldorf, e à Seção Médica no Goetheanum, por nos permitir reproduzir os artigos sobre o desenvolvimento infantil que constam de suas publicações.

Esperamos que a série *Gateways* leve inspiração e apoio àqueles que carregam a profunda e maravilhosa responsabilidade de cuidar dos mais jovens entre nós, onde quer que esse trabalho ocorra em nossa comunidade humana.

Susan Howard, Editora

## Crianças pequenas hoje - compreendê-las e ajudá-las

*Joan Almon*

Por mais de 20 anos assistimos a um declínio da saúde e do bem-estar das crianças na América do Norte. Estivemos muito envolvidos, às vezes até mesmo preocupados com os problemas dessas crianças. Agora parece que deixamos de ver algo que é tão forte quanto os próprios problemas: que essa notável geração de crianças e jovens adultos trouxe novos níveis de consciência para a Terra. Eles precisam de nossa proteção e ajuda, mas também precisam de reconhecimento dos dons que trouxeram.

Quando olhamos para essa geração mais jovem, aqueles que agora estão com idade entre a primeira infância e o final dos vinte anos, vemos um grupo que é bastante diferente daqueles que estão com seus trinta, quarenta ou cinquenta anos. Nos círculos Waldorf, começamos a perceber isso da seguinte maneira. Quando os cursos de formação de professores Waldorf começaram nos Estados Unidos há vinte anos, os alunos eram em grande parte os jovens que tinham sido ativistas na década de 1960. Nascida durante e depois da Segunda Guerra Mundial, foi uma geração que esteve envolvida no movimento dos direitos civis, no movimento contra a guerra, e no tumulto no meio universitário no final da década de 1960. Na década de 1970, essa geração tornou-se mais silenciosa, voltando-se para a meditação e o crescimento espiritual e, alguns, gradativamente à pedagogia Waldorf e à antroposofia.

Na década de 1980, começamos a notar que essa mesma geração ainda preenchia os centros de formação de professores. O próximo grupo, nascido no final dos anos 1950 e 1960 não parecia ingressar nos programas de formação de professores Waldorf. Nós costumávamos brincar que os educadores em formação estavam ficando mais velhos a cada ano, mas não era realmente uma brincadeira; era uma realidade. Certamente, alguns do próximo grupo etário (agora com seus trinta anos) entraram em cursos de formação ou outros campos da atividade social. Mas ouvi alguns comentarem que, à medida que cresciam, sentiam-se muito isolados de seus pares, a maioria dos quais parecia querer ganhar tanto dinheiro quanto possível, pouco preocupada com o meio-ambiente ou com problemas sociais. Nós educadores Waldorf nos acostumamos com uma geração que parecia não se importar, e talvez não tenhamos percebido que há um novo grupo em nosso meio que se importa profundamente. Eles se importam em



silêncio e até agora não fizeram muito barulho, mas, a partir do início dos anos 1990, eles começaram a ingressar em nossos cursos de formação e alguns estão agora ingressando em nossas escolas como novos professores. Quem é essa geração e como eles são?

Por meio de um parente adolescente que se tornou vegetariano aos 15 anos, eu me conscientizei de que muitos adolescentes estão se tornando vegetarianos, claramente preocupados com animais e o meio ambiente. No entanto, vegetarianismo está também intimamente ligado à consciência espiritual. Os jovens que eu estava conhecendo não faziam parte de movimentos espirituais, mas sua conscientização geral poderia ser descrita como fortemente espiritual. Membros desse grupo estão agora na faculdade ou são recém-formados. Eles trouxeram grandes mudanças para seus *campi* por meio de suas profundas preocupações com as questões humanas e ambientais. Em muitos *campi*, mais da metade dos alunos está ativamente envolvida em trabalho voluntário, no entanto essa geração é tão discreta em relação aos seus esforços que, em geral, o país não tem consciência das mudanças que estão ocorrendo. Esses jovens também mostram uma forte consciência do mundo espiritual, tanto fora quanto dentro deles. Eles falam de formas de pensamento espiritual como uma realidade diária. Eles carecem de termos e conceitos, mas são ricos em experiência e, em muitos casos, essas experiências não têm relação com o uso de drogas. Exteriormente, eles têm certas semelhanças com a geração ativa na década de 1960, mas seu discreto ativismo, juntamente com a espiritualidade livre de drogas, caracteriza-os como significativamente diferentes.

À medida que se olha para a parte mais jovem dessa geração, as crianças atualmente nos jardins de infância e ensino fundamental I, vemos que as tendências não terminaram, mas se intensificaram. Por exemplo, enquanto estudantes universitários de hoje podem ter se tornado vegetarianos na sua adolescência, eu conheço muitas crianças que se tornaram vegetarianas aos quatro ou cinco anos de idade. Não se trata de crianças que estão crescendo em lares vegetarianos; provêm de lares carnívoros e decidiram tornar-se vegetarianas por conta própria. Um professor de classe Waldorf na Inglaterra, que no momento conduz o sexto ano, disse-me que, quando assumiu essa turma no primeiro ano, metade deles já tinha decidido tornar-se vegetariana, sem o apoio dos pais. De fato, muitos dos pais que eu conheci desejam que seus filhos não

sejam vegetarianos. Essa é uma pequena indicação que aponta para um grupo de crianças que está muito preocupado com a Terra e com a humanidade, e que parece ter uma forte consciência do espiritual na vida.

Quando perguntadas por que elas são vegetarianas, muitas crianças dizem que não querem comer animais. Elas expressam uma tremenda preocupação pela Terra e pelas pessoas que vivem nela. Recentemente eu estive com uma família Waldorf que tinha um filho de seis anos de idade. Durante o café da manhã inteiro ele falou de seus animais com muito calor e uma boa dose de conhecimento. Mais tarde, ele me disse com uma voz cheia de convicção, que parecia vir das profundezas de seu ser, "você sabe, eu amo esta Terra. Eu simplesmente a amo. Eu amo as pedras e as plantas, mas especialmente eu amo os animais. Eu adoro os animais." Ele então fez uma pausa e resumiu a fala numa voz mais infantil. "Quando eu crescer, eu vou trabalhar no jardim zoológico!"

Essa geração mostra um profundo amor pela Terra, mas também pelo flagelo dos seres humanos. Um menino aos treze anos de idade tinha se tornado bem conhecido como ativista em favor de crianças que são forçadas a trabalhar. Outros jovens têm se ocupado com questões ambientais e formaram organizações nacionais de crianças e jovens preocupados com tais problemas. A consciência sobre o mundo e o compromisso de ajudar, que abalaram os *campi* universitários da década de 1960, estão agora sendo vistos novamente no ensino fundamental e médio. No início, isso parecia uma precocidade doentia, resultante de uma introdução antecipada aos problemas do mundo. Contudo, tendo conhecido muitas crianças e jovens adultos que carregam essa consciência profundamente dentro de si mesmos, tenho acolhido essas novas tendências como sinal de que essa geração jovem realmente se preocupa e que está preparada para agir.

É um presente que, neste momento, quando estamos enfrentando problemas humanos e ecológicos de uma complexidade incomparável, a Terra esteja recebendo uma geração que parece capaz de moldar o próximo século com honestidade, e comprometimento social e ecológico, e novas profundidades na percepção espiritual. Contudo, isto é apenas metade do quadro. A outra metade é que essa geração sofreu muito com as novas ideias sobre educação e criação de crianças que surgiram nos últimos 25 anos. Nos Estados Unidos, e cada vez mais em outros países, foi se

implantando a ideia de que se deve estimular intelectualmente as crianças tanto quanto possível e o mais cedo possível. Considera-se perda de tempo permitir que as crianças brinquem e sonhem na primeira infância. O conhecimento cognitivo é considerado superimportante, e todo o esforço é feito para despertar as crianças para escrever, ler e aprender aritmética na escola maternal e no jardim de infância. Este impulso se encontra entremeado com exposição à mídia eletrônica, incluindo computadores, e o resultado é um intenso bombardeio do sistema neurossensorial, de modo que poucas crianças escapam de um despertar prematuro. Transformar a consciência inata das crianças muito cedo em consciência das coisas mundanas coloca um grande fardo sobre elas, e tem o efeito de limitar, em vez de aumentar suas capacidades.

É significativo que durante este tempo aconteceu também maior demanda pela pedagogia Waldorf. Começando por volta de 1970, pais de todo o mundo passaram a pedir por mais escolas Waldorf. Esses pais não eram antropósofos experientes, como tinham sido os primeiros fundadores de escolas Waldorf. Eram pais que estavam no geral insatisfeitos com as formas de educação existentes e tinham uma ideia do que queriam. Eles ficaram profundamente sensibilizados pela pedagogia Waldorf e em alguns casos estabeleceram bases profundas e fortes para escolas que hoje estão prosperando. Em outros casos agiram com demasiada rapidez e fundaram escolas que têm lutado muito. Deparei-me com muitas iniciativas novas ao longo dos anos, e fico sempre impressionada com os pais – sejam eles rápidos ou apressados – pois eles têm um profundo amor por seus filhos e pelos filhos de outros. Surgindo desse amor e da insatisfação com as formas de educação existentes, eles investem enormes quantidades de tempo, energia e dinheiro para trazer as escolas Waldorf à existência. O impulso mais profundo desses pais foi descrito a mim por uma mãe, que me contou um sonho que ela teve enquanto estava grávida do primeiro filho. No sonho ele apareceu como uma criança radiante, uma criança do Sol. Em seus primeiros anos sua luz brilhante continuou a irradiar, derramando calor em todos os que estavam em torno dele. Então, ainda no sonho, ela colocou a criança, agora com seis anos de idade, em uma caixa e toda a luz foi cortada. Ela acordou profundamente abalada por esse sonho e determinada a encontrar uma forma de educação que não cortasse os raios de sol de seu filho. Sua busca levou-a à pedagogia Waldorf.

Muitas vezes os professores Waldorf meio que brincam dizendo que são as crianças que levam os pais para a pedagogia Waldorf. Cada vez mais acho que há uma grande verdade nisso. Um professor que ajudou a fundar um jardim de infância na África do Sul descreveu uma mãe de um município que trouxe sua filha de cinco anos para uma visita. A criança olhou ao redor e prontamente anunciou: "Este é o meu jardim de infância. É para cá que eu quero vir". A mãe então explicou que sua filha continuamente descrevia o jardim de infância de seus sonhos. Era um jardim de infância bonito, cheio de maravilhas e, com pesar, a mãe tinha que dizer a ela que não existia um jardim de infância como aquele. Foi quando ouviu falar da inauguração do Jardim de Infância Waldorf e levou a filha para vê-lo. A criança pareceu reconhecê-lo. Era aquele que ela estava procurando, e alegremente ingressou nele.

Uma professora estagiária com vinte e tantos anos de idade contou-me que durante toda a sua adolescência ela dizia à sua mãe que queria ser professora de jardim de infância e até descreveu o jardim de infância de seus sonhos. As paredes eram pintadas suavemente, os brinquedos eram simples e feitos de materiais naturais. Havia até um lindo instrumento, como uma lira, que ela tocava todo dia para as crianças. Nem a menina nem sua mãe tinham ouvido falar de pedagogia Waldorf, mas, quando a jovem estava com cerca de 21 anos, ela viu um anúncio para um "portas abertas" de uma escola Waldorf. Ela foi com sua mãe para lá. Ali estava o jardim de infância dos sonhos dela, até mesmo a lira. Ela o reconheceu imediatamente e logo se inscreveu no curso de um ano de preparação para se tornar professora de jardim de infância Waldorf.

Há poucas dúvidas de que uma maravilhosa geração veio à Terra, não apenas devido à sua ligação com a pedagogia Waldorf, mas devido ao seu compromisso geral de servir à Terra e ajudá-la de maneira humana, tanto ambiental como espiritualmente.

Contudo, as condições gerais que essa geração encontra não são propícias para o seu desenvolvimento saudável. Eles são confrontados com um excesso de estímulo desde a infância. Sua vida tem pouco ritmo e abunda em atividades desnecessárias tais como esportes, ginástica e balé, começando aos quatro ou cinco anos de idade.

Frequentemente já bem pequenos estão no berçário ou na creche e passam pouco tempo com seus pais. Muitas vezes suas vidas têm mais intensidade e estresse do que eles podem absorver e transformar. Muitos são dominados pelas dificuldades, e

estatísticas mostram que eles estão sofrendo muito. Nos Estados Unidos, por exemplo, a porcentagem de crianças com diagnóstico de deficiências graves aumentou de cerca de 1,6 por cento em 1963 para 6,4% em 1993. Entre as crianças pobres, o número é superior a 10 por cento, e esses números continuam a crescer, pois não começamos a corrigir os problemas. A hiperatividade é desenfreada, como uma epidemia, e alguns estimam que 1/3 das crianças americanas estão agora usando Ritalina para estabilizar sua atividade.

Esses ataques à infância e o crescente padrão de doenças frequentemente associadas ao nervosismo e ao estresse seriam uma tragédia para qualquer geração. Que isso afete a juventude de hoje, com seus tremendos dons e ofertas ao mundo, torna-se uma dupla tragédia. O que podemos fazer a respeito? Dentro dos nossos próprios jardins de infância, podemos renovar nosso compromisso de trabalhar com os pais criando uma vida doméstica saudável e cheia de amor e calor, um ritmo sólido, boa comida, festas anuais alegres e muitas oportunidades de brincar e imitar. Tudo isso é da maior importância, no entanto não é suficiente, e precisamos convocar nossos colegas como aliados na batalha pelas crianças, porque os problemas continuam nos ensino fundamental e médio. Nós precisamos de um amplo esforço na escola toda, que engaje professores e pais. Daí estaremos em condições de ajudar a despertar o público através de workshops e conferências. Encontraremos muitos aliados entre os pais em nossas escolas e, na comunidade mais ampla, entre professores universitários, educadores, médicos e outros que carregam fortemente em seus corações o bem-estar das crianças. Não há escassez de aliados, mas é preciso olhar de forma ampla e sem preconceitos. Há um trabalho a ser feito em prol das crianças, e elas não podem aguardar muito mais tempo por nossa atitude.

Essa geração já foi profundamente afetada pela vida moderna. Eles adoeceram por causa dela. E quanto ao próximo grupo que está esperando para vir? Rudolf Steiner falou das almas que provavelmente encarnariam no final do século XX e no início do século seguinte. Suas descrições levam a sentir que a próxima onda de crianças vai trazer capacidades ainda maiores com elas e serão capazes de servir ainda de formas mais profundas. Mas o que as espera aqui? Não apenas a televisão como a conhecíamos, mas a estrada informática com 500 canais em cada lar. Não só computadores como os que conhecíamos, mas também programas que interagem

com a televisão para que a ilusão de aprender com as máquinas torne-se ainda mais imperiosa. Está por vir, mas já está emergindo, a realidade virtual, pela qual a próxima geração será capaz de aprender sobre a vida de tal maneira que eles não precisem interagir quase nada com a realidade física ou espiritual. Pouco se promete que os lares de amanhã serão mais calmos, mais rítmicos ou mais amorosos do que os de hoje. Mais e mais crianças serão criadas em berçários desde a primeira infância, e a menos que estes possam ser ajudados a se tornarem centros calorosos e amorosos, irão contribuir com o estresse na existência da criança.

Como trabalhar para criar um ambiente mais saudável para crianças e, ao mesmo tempo, evitar cair no desânimo pela difícil tarefa que enfrentamos? Como podemos encontrar a coragem de prosseguir e o perdão pelos fracassos - nossos e dos outros - que nos permitem ir em frente? Como reconhecemos as forças por trás desses ataques às crianças e encontramos coragem e força para superar essas forças? Rudolf Steiner aponta para os seres que estão ao nosso lado e prontos para ajudar nessas batalhas. Há Micael, o grande Arcanjo, que nos inspira a enfrentar os problemas dos nossos tempos com coragem. Há o ser de Cristo, cujo amor e perdão nos enchem de capacidade de realizar mudança e transformação, mesmo nas situações mais difíceis. Há a sabedoria de Sophia, que nos permite compreender as lutas que adultos e crianças enfrentam. Com a ajuda deles podemos tornar-nos como a duodécima mulher sábia em *A Bela Adormecida*, que não conseguia tirar a perversa sentença de morte, mas podia suavizá-la. Tampouco podemos tirar o fardo da dificuldade de cada criança, por mais que desejemos fazê-lo, mas podemos suavizar os fardos, tornando-os toleráveis e deixando as crianças saberem que nos importamos profundamente com elas e que reconhecemos seus dons e suas lutas.

*Joan Almon faz parte da diretoria da Associação Waldorf para a Primeira Infância da América do Norte, é Secretária Geral da Sociedade Antroposófica nos Estados Unidos, onde é Coordenadora da Aliança pela Infância. (Muitas dessas ideias foram apresentadas em uma palestra no Congresso de professores Waldorf em Dornach, Suíça, em abril de 1996.)*

A criança pequena no mundo de hoje

*Dra. Renate Lang-Breipohl*

## **O aspecto universal da infância**

Muitos elogios são dados à civilização moderna e seus elevados padrões tecnológicos pelas pessoas atualmente, enquanto, por outro lado, muitas preocupações foram levantadas pelos educadores sobre os seus perigos para as crianças. Há uma consciência crescente de que a infância, como uma experiência de vida única e fundamental, tem que ser protegida. Mas o que é a infância?

Para entender isso, é preciso olhar para o passado, é preciso entender a repetição de experiências coletivas dentro do desenvolvimento individual da consciência. Dentro da pedagogia Waldorf tem sido dada muita atenção ao problema de adequar o conteúdo derivado da história cultural ao estágio apropriado da consciência em evolução da criança. No entanto, uma boa parte dessa consideração não foi tornada pública. Afinal, os jardins de infância não "ensinam". No entanto, além da questão da seleção de conteúdos, existe a necessidade de identificar as características da consciência da criança entre os três e os sete anos de idade e relacioná-la com a evolução da humanidade. A criança em sua primeira infância revive a antiga Lemúria, Atlântida ou a época cultural da antiga Índia? Não há resposta fácil para isso. Dois fluxos unem-se na criança: o espiritual vindo da vida antes do nascimento e o terrestre contendo o aspecto hereditário e a aquisição da consciência terrena.

Karl König, fundador do movimento Camphill, pesquisou o caminho descendente da criança até a Terra e descreveu em belas imagens o processo de encarnação. Num estágio, ele compara os períodos iniciais da gestação com a história da criação da Bíblia e com a expulsão do paraíso. Ele compara o rompimento da bolsa de água ao nascer com o dilúvio atlante e vê a criança nascida no mundo pós-atlântico. Então vêm os primeiros três anos, muito especiais, sob a proteção das hierarquias e do Ser Cristo: um tempo de unicidade na consciência com o mundo espiritual em que as qualidades humanas fundamentais – andar, falar e pensar – são adquiridas. Até esse ponto é quase impossível marcar qualquer sequência de estágios evolutivos no desenvolvimento do ser humano individual. Parece mais apropriado pensar em elementos das primeiras épocas evolutivas reaparecendo e colorindo o período antes do nascimento e durante os primeiros três anos. Isso muda em torno do terceiro ano. De um lado, com o aparecimento de uma consciência rudimentar do "eu" e, de outro,



o início de uma libertação gradual das forças etéricas da memória e da fantasia, é estabelecido um espaço interior da alma, um estágio em que vontade, sentimento e pensamento da criança vão desabrochando gradativamente. Isso acontece em uma consciência comparável a sonhar-sentir, e na atividade constante da vontade, acompanhada pelo fluxo ainda subterrâneo do pensar. Esse processo vai além do sétimo ano de vida, abrangendo a idade de três a nove anos. Essa etapa pode ser caracterizada como consciência da alma participativa ou sensitiva.

Em suas palestras sobre a evolução da consciência, Steiner destacou repetidamente a importância da terceira época pós-atlântica para o nosso tempo, e ele encoraja professores a estudar essa época com especial cuidado.

Muito do que foi pré-formado na época egípcio-caldáica é importante para a nossa época, a era da alma da consciência. Muito do que Steiner tem a dizer sobre essa época parece ter uma ligação com a forma como a criança experimenta o mundo entre as idades de três e nove anos:

1. A estreita ligação com a natureza - vivendo em ritmos naturais, imersos em percepção sensorial.
2. A maneira aparentemente materialista de se relacionar com o mundo espiritual (como pode ser visto em ritos de morte egípcios).
3. A importância das imagens e da mitologia.
4. Uma objetividade no sentimento que ainda está sem emoção pessoal (como pode ser visto em Ísis-Osiris).

Embora haja diferenças óbvias entre a criança de três anos e, digamos, uma de sete ou oito anos quanto ao grau de sua capacidade de pensar, existem muitas semelhanças. Por exemplo, ainda são bastante semelhantes sua expressão externa de sentimentos, sua maneira de lidar com os relacionamentos humanos, a consciência de pertencimento, da unicidade com o mundo.

"Apenas entre o nono e o décimo ano de vida, a criança começa a se sentir separada do mundo. Portanto, quando a criança começa a escola (primeira série), as coisas no ambiente devem ser transformadas em seres vivos. Não se fala *sobre* plantas, mas as plantas falam elas próprias e umas com as outras como seres vivos. Toda contemplação da natureza tem que ser transformada em imaginação - plantas falam,

árvores falam, nuvens falam. A criança nesta idade não deve sentir a diferença entre si mesma e o mundo." (Rudolf Steiner, *Educação e Vida Espiritual Moderna*, 1923).

Essa consciência é universal nas crianças. Todas começam a vida em relação ao passado, ao sonho com imagens, à participação e à imitação. No entanto, enquanto as crianças em algumas partes do mundo permaneçam nesta consciência sem serem perturbadas - às vezes mesmo com pouca possibilidade de evoluir mais - às crianças de sociedades despertas e orientadas pela cultura ocidental não é muito permitido esse necessário reviver do passado. Elas são despertadas de seus sonhos e afirmadas em sua consciência do "eu" antes que a consciência do "nós" possa se consolidar. Em muitos casos, essas são as crianças com quem lidamos hoje nos jardins de infância e nas escolas Waldorf.

### **Desafios e perigos para as crianças**

Jorgen Smit (*The Child, The Teachers, The Community - A Criança, Os Professores, A Comunidade -*, segunda Conferência, Mercury Press, 1992) fala sobre Lúcifer e Árimã marcando suas presenças na infância. Lúcifer se posta na entrada para o período de consciência participativa como portador da consciência e memória, lançando sua sombra sobre os anos vindouros. Árimã se posta no limiar dos nove anos de idade da criança, renunciando o que está por vir após a idade de participação. Essa situação existe há bastante tempo: Lúcifer apelando prematuramente para o sentir da criança, Árimã tentando obter um acesso prematuro ao pensar da criança e assim enfraquecendo suas forças vitais. O novo é o solo fértil nas almas daqueles que educam e criam crianças de hoje. Em sua série de conferências, *A Queda dos Espíritos das Trevas*<sup>1</sup>, Steiner apontou as tentativas de Árimã de ter acesso às crianças de hoje, e afirma que, de todas as áreas da vida, a educação foi a que sucumbiu mais profundamente ao pensamento materialista. Ele enfatiza que conhecer o mal é a tarefa mais importante no final deste século (séc. XX). Assim, professores e pais são solicitados a se tornarem guardiões da infância e a se levantarem contra as tendências de super estimular a alma sonhadora da criança, tanto no sentir quanto no pensar.

---

<sup>1</sup> Steiner, Rudolf, *A queda dos espíritos das trevas*, GA 177. As seis primeiras conferências disponíveis em forma de apostila na Sociedade Antroposófica no Brasil, 2005.

Atualmente se pode notar a influência luciférica em muitas crianças. Ansiedade em crianças e sensação de isolamento, que surgem naturalmente na primeira infância em consequência de processos de separação necessários, aumentaram com a tendência dos pais e educadores a tornar as crianças conscientes de si mesmas, de suas decisões e de seus desejos em constante mudança. Considera-se um sinal de mente aberta e de progresso atrair crianças para a vida emocional dos adultos e discutir sentimentos. A exposição à sexualidade de adultos e o abuso emocional e sexual de crianças têm aumentado além da esfera do normal, e se tornado um problema na sociedade. Sempre que a conversa sexual aparece no jardim de infância – e qual professor de jardim de infância não experimentou isso nos dias de hoje – vem acompanhada por uma perturbação dos sentimentos nas crianças envolvidas. Desenhos de crianças mostram isso. Sempre que a astralidade torna-se demasiado forte e precoce, as forças etéricas das crianças sofrem. A sala de aula, até a sala de jardim de infância, torna-se um campo de batalha social: quem é o líder, quem é o melhor amigo, quem é mais odiado e quais são as condições para ser amado? Não há participação, apenas divisão, não há brincadeira ou aprendizado em conjunto, apenas turbulência social. Outra observação pode ser feita a respeito da tendência de dirigir-se às crianças como seres com ego em uma idade precoce. A. C. Harwood (*The Way of a Child - O Caminho de uma Criança - Capítulo VI*, Rudolf Steiner Press, 1988), aponta para o fato de que, na época da alma da consciência, a consciência do Eu aparece primeiramente aos três anos de idade de uma forma imatura. Deveria aparecer adequadamente apenas na idade de vinte e um anos com o nascimento do Eu, após o estabelecimento do corpo etérico e do corpo astral. Sem a ajuda e a orientação de adultos, essa qualidade do Eu poderia ser arrastada para baixo ao nível da astralidade e se deteriorar para o egotismo<sup>2</sup>. (Isso muitas vezes torna-se evidente de forma abrupta.) Esse egotismo é diferente do egocentrismo, a forma específica por meio da qual as crianças vivenciam o mundo. O egotismo manifesta-se cada vez mais nas exigências e nos desejos das crianças, na necessidade de estar no centro dos acontecimentos, de sempre ser o primeiro em tudo e obter a máxima atenção possível dos adultos e de outras crianças. Sempre que as crianças focam excessivamente em seus desejos corporais e em suas

---

<sup>2</sup> Egotismo = qualidade de alguém obcecado com a própria pessoa ao ponto de nem enxergar os outros. Diferente de egoísmo, que é alguém que enxerga os outros, mas escolhe a si mesmo. (N. T.)

necessidades emocionais e são desviadas de sentir e explorar o mundo pelo brincar ou pela aprendizagem, Lúcifer tenta se apoderar de suas almas. Os adultos muitas vezes se sentem sobrecarregados pelos desejos das crianças e podem ceder mais do que é benéfico para a criança. Acima de tudo, o egotismo é um fenômeno tão difundido que pode nem ser reconhecido como perigo com consequências de longo alcance.

Quanto à influência arimânica, Steiner indica que a metade do século XIX foi um momento decisivo para o desenvolvimento do materialismo moderno, quando os poderes arimânicos entraram nos assuntos humanos pela primeira vez na história humana. As formas de trabalho de Árimã estão bem descritas em publicações antroposóficas. Quero mencionar dois aspectos que têm especial importância para crianças pequenas.

Na década de 1940, uma época para a qual Steiner previu o aparecimento de uma nova faculdade espiritual de percepção etérica em um número crescente de seres humanos, apareceram nos meios de comunicação de massa, na época ainda modestamente desenvolvidos, novas imagens que iriam exercer uma grande influência. Algumas delas podem ser encontradas nos desenhos animados da Disney, com suas poderosas cores. Super-homem e Batman também surgiram como novos heróis (ambos celebraram recentemente seu retorno). Quem são eles? Qual é o poder de sua atração até mesmo para crianças pequenas? Algumas das crianças do meu jardim de infância me disseram: "Batman é bom, ele mata os caras maus". A imagem desse herói moderno, com sua capa preta flutuante, usando o sinal do morcego sobre o coração e segurando a arma na mão do braço direito erguido, lembra-nos um anjo em forma pervertida, uma força escura com reminiscências de um gesto micaélico – o mal escondido por trás da ilusão do bem. Muitas crianças que nascem hoje em dia terão vindo para a Terra com a intenção de participar da batalha micaélica *contra* Árimã. Como sua percepção sensorial e seu pensar podem aprender a discernir verdade e engano, se imagens inverídicas estão por toda parte ao seu redor? Uma enxurrada de novas imagens é derramada sobre as crianças hoje, com cada evento de filme na TV, imagens do sub-humano como as tartarugas Ninja, ET ou os dinossauros no Jurassic Park. O engano da realidade virtual não começou com a invenção da visualização tridimensional.

A intenção de Árimã é atar os seres humanos ao seu reino e amarrar o pensar humano a um reino sub-humano de inteligência, semelhante a um robô. As crianças vêm do mundo dos pensamentos vivos, da unidade com os espíritos criadores, para um mundo em que o pensamento humano se separou da inteligência divina pela dádiva da liberdade. Com o uso do eletromagnetismo, a "rede do pensamento humano", expressão com a qual Steiner descreve o mundo etérico, é substituída pela “web (rede) mundial”, uma rede de pensamentos na qual se pode penetrar sem muito esforço para pensar. Caminhos do pensar podem ser usados de acordo com as regras daqueles que criaram a Internet. Quando se apresenta isso às crianças, elas vão simplesmente seguir a corrente e o esforço de pensar por si próprias torna-se cada vez mais difícil. Steiner previu que o pensar será tirado dos seres humanos e estabelecido num reino sub-humano. Já podemos ver os primórdios disso. As crianças de hoje são atraídas para o âmbito da inteligência. A exposição à mídia e a computadores já mudou a forma de suas mentes trabalharem. As estruturas cerebrais tornam-se simplificadas pelas demandas seletivas criadas pela visualização da televisão, (Jane M Healy, *Endangered Minds*, (Mentes em Extinção), Touchstone, 1990). Por outro lado, as crianças tornam-se mais rápidas em capturar a essência de estímulos visuais com mudanças rápidas e mais capazes de seguir várias linhas de ação ao mesmo tempo, (Rushkoff, *Children of Chaos - Crianças do Caos* - Harper Collins, 1997). A elas falta concentração e a capacidade de penetrar profundamente em um assunto. Quais são as consequências para a sua educação?

### **A educação das crianças modernas**

Não há nenhum sentido em apenas olhar para o passado, para as maravilhas e belezas da época da alma da sensação e sua consciência participativa. Com a descoberta do eletromagnetismo e o desencadeamento dessas poderosas forças terrestres, entramos no futuro. No caminho para descobrir o ser da eletricidade, somos conduzidos ao âmbito do sol, com sua sabedoria e luz. A luz se manifesta na terra em poderosas forças naturais como também em fenômenos de cargas elétricas canalizadas, provocados artificialmente. As forças do Sol possuem um potencial tanto para o desenvolvimento espiritual mais elevado quanto para a destruição. É tarefa da época da alma da consciência encontrar o equilíbrio.

"Onde quer que a eletricidade seja usada ... há muito mais magia demoníaca, porque isso opera com forças inteiramente diferentes que têm um significado totalmente distinto para a cosmo. Será possível produzir grandes efeitos externos no universo. Devem ser criadas forças contrárias para restabelecer o equilíbrio. Elas só podem ser criadas se a humanidade novamente vier a entender o princípio do Cristo, se a humanidade encontrar o caminho para Cristo. O carma vocacional, no qual o homem penetra cada vez mais, deve ser contraposto por uma compreensão do mundo espiritual que pode preparar o homem para encontrar o caminho para Cristo." (Rudolf Steiner, *Karma of Vocation* - Carma da Vocação - nona palestra, Antroposophic Press, 1984). É preciso olhar para a infância moderna com uma perspectiva dupla.

Certamente os primeiros sete anos de vida carregam o signo da lua, de Jeová, o Deus Criador. As qualidades adquiridas a partir desse período, as qualidades da consciência imagética, são vitais para uma vida humana saudável. As crianças têm de reviver o passado para estabelecer na Terra algumas das qualidades do mundo espiritual do qual elas ainda estão tão próximas. Muitas crianças fazem isso naturalmente, desde que o ambiente seja correto. Mas há também crianças que frequentam um belo jardim de infância com um programa adequado para a consciência infantil e, no entanto, parecem procurar algo diferente. Será que elas são apenas as infelizes, as danificadas? Não se pode ter certeza, mas elas parecem vir mais frequentemente de lares com uma forte presença de tecnologia moderna.

Os professores têm observado essas crianças há muitos anos. Algumas vieram à terra para servirem a Michael e se preparam para experienciar o reino do dragão. Em seu movimento elas mostram algo da qualidade da luz, que se assemelha, porém, a um fecho de luz elétrica: rápido, reto, perfurante. Seus rostos são muitas vezes sérios, mas se tornam radiantes como o Sol quando são recebidas com compreensão e amor.

Quando brincam, observa-se a tendência de estar em movimento, espalhando-se pela sala, usando varas, paus, cordas e fitas como antenas e ferramentas, cabos elétricos e telefônicos. Viajar significa subir ao espaço.

Por meio de seus comentários críticos sobre histórias e canções, sua relutância em participar da roda, suas manobras para distrair os outros, e seu ocasional comportamento abrupto e agressivo, essas crianças mostram que deixaram parcialmente para trás a consciência sonhadora. Elas não tocam os panos de seda ou

marionetes pois não gostam de olhar para o mundo do qual vieram. Mas essas crianças anseiam por ritmo, por ordem, por alguém que mantenha o mundo coeso. Mesmo que façam gozação com a história que o professor conta, pode-se perceber como elas estão amorosamente conectadas com seu professor. No encontro, do ser com outro ser, elas são tocadas de uma maneira profundamente moral.

Tendo experimentado isso, eu me perguntei como seria possível equilibrar o que vem da Lua e do passado com o que é representado no Sol como as forças do futuro. Essa questão levou-me a reavaliar a gama de materiais para brincar que poderiam satisfazer a necessidade de "invenções técnicas" da criança pequena moderna. É claro que a idade da criança e a adequação do "inventado" devem ser levadas em conta.

Poderíamos também pensar em cores, arrumação da sala e tecidos para fins de decoração, com o objetivo de proporcionar um clima etérico que impediria o elemento astral de trabalhar com força demasiada. Pode-se também colocar mais atenção na escolha das histórias. Lembro-me de contar a história dos Grimm, "O velho Rink Rank", e ver todas aquelas crianças acordadas e precocemente intelectualizadas sentadas quietas, totalmente imersas nessa história.

No entanto, é importante que a qualidade do Sol viva nas relações humanas, na interação social entre crianças, professores e pais. Planejar e implementar um currículo desenvolve então uma nova dimensão, não só abrindo a porta para o mundo, mas também dando testemunho do amor e da seriedade no empenho do professor. A criança do futuro irá responder a essa qualidade humana.

*Renate Lang-Breipohl é ex-professora de jardim de infância Waldorf que lidera a Formação de Professores de Jardim de Infância Waldorf no Parcival College em Sydney, Austrália. Este artigo foi escrito a partir de anotações compiladas de três palestras ministradas a professores de primeira infância e jardim de infância em Adelaide, em abril de 1997, durante o Congresso dos Anos Vitais*